

Bracher começa as sondagens nos EUA

Roberto Garcia

Correspondente

Washington — O presidente do Banco Central iniciou ontem uma visita de sondagem aos principais financiadores externos do Brasil, tanto oficiais quanto privados, a fim de pedir a colaboração deles para os programas econômicos do governo Sarney em 1987. A visita de Fernão Bracher visa também colher impressões sobre a evolução da economia internacional no decorrer do ano e explicar as principais linhas da política econômica do governo. A deterioração das contas externas do Brasil e a atitude do governo diante dela nos últimos meses têm gerado considerável incerteza em autoridades financeiras internacionais.

O apoio dos interlocutores de Bracher, em Washington, será importante para que o Brasil consiga 2 bilhões de dólares do Banco Mundial para projetos do Brasil neste ano, cerca de 300 milhões de dólares do Banco Interamericano de Desenvolvimento e pelo menos meio bilhão de dólares do Eximbank, que é o órgão de financiamento de exportações dos Estados Unidos. O mesmo apoio será também essencial para o sucesso das negociações de reescalonamento da dívida do Brasil com seus credores estrangeiros, no Clube de Paris, quanto com centenas de bancos privados de todo o mundo. Desse bancos privados o governo

Sarney deseja levantar cerca de 3 bilhões de dólares em dinheiro novo, em 1987.

Em novembro passado, o Fundo Monetário aprovou a política econômica brasileira pós-Cruzado II, com reservas. Embora permanentemente preocupados com a inflação, os organismos financeiros internacionais sediados em Washington, como o Fundo Monetário, vêm com preocupação o contínuo congelamento de preços, que eles consideram causa de graves distorções na economia. Recomendam, por isso, a substituição do congelamento por controles menos rígidos de salários e preços. Todos esses organismos consideram prudente que até o fim do ano o governo brasileiro deixe que as forças do mercado fixem a maioria dos preços e salários.

Entre os interlocutores de Bracher, em Washington, predomina a impressão de que atrás das pressões inflacionárias estão déficits orçamentários. Para eliminá-los, Bracher ouvirá recomendações de novos cortes nas despesas públicas.

Para ter garantias de que essas recomendações serão atendidas pelo governo Sarney, no decorrer do ano, as autoridades visitadas pelo presidente do Banco Central recomendarão que o Brasil entre num acordo qualquer com o Fundo Monetário Internacional. Antes de entrar no edifício do FMI, ontem à tarde, contudo, Bracher repetiu a linha oficial segundo a qual não é necessário qualquer acordo com o Fundo.